

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2008

SYMBOLA TOTORVM CLASSICARVM LINGVARVM HARRII POTTERII LIBRORVM (PARS TERTIA ET CONCLVSIO)

J. K. Rowling concluiu a história de Harry Potter com a publicação do sétimo livro *Harry Potter and the Deathly Hallows* no Verão de 2007. A tradução portuguesa, *Harry Potter e os Talismãs da Morte*, pela editorial Presença, surgiu nos escaparates em Outubro de 2007 e contou-se entre um dos maiores sucessos editoriais do ano.

Nos dois números anteriores do *Boletim* procedemos ao levantamento do vocabulário de referência clássica e à sua análise numa perspectiva gramatical. Disponibilizado o último volume, verificámos que, desse estrito ponto de vista, o novo volume não traz novidades significativas. Na verdade, as personagens, as criaturas mágicas e sobretudo os termos ou expressões usados para designar os feitiços, são comuns aos que encontrámos nos livros anteriores.

O sétimo livro é, se o podemos dizer, o mais grave de todos. Não obstante ter como público privilegiado o juvenil, tem também sido discutido o facto de a saga apresentar, num registo profundo, significados e linguagens cujo destino primeiro não será as crianças, ou mesmo os adultos em busca de um mero entretenimento.

A confirmar esta leitura estão os textos que a autora resolveu colocar antes de iniciar a narrativa: um excerto do grande Kommós de *Coéforas* de Ésquilo, e uma das sentenças de *More Fruits of Solitude* da autoria do inglês do séc. XVIII William Penn, fundador da cidade americana de Filadélfia e da colónia americana de Pensilvânia (o nome do Estado evoca o fundador).

Citamo-las as duas. A primeira porque, como infelizmente vai sendo comum nas edições portuguesas, a tradução disponibilizada pela edição portuguesa surge com o indecifrável título de “*Os Portadores da Libação*”, o segundo pelo significado intrínseco do excerto, que afasta qualquer laivo de uma leitura infantilizante desta obra:

(vv. 466-479):

Ó miséria ingénita da raça, golpe atroz e sangrento da desventura! Ó ásperas e intoleráveis angústias! Ó dor impossível de acalmar!

Mas o penso para estas feridas encontra-se no palácio, não vem de fora. Será dele próprio que sairá o remédio através de uma luta cruel e sangrenta. Este é o Hino desejado pelos deuses infernais!

Escutai, deuses subterrâneos, esta súplica. Sede propícios a estas crianças, enviando-lhes uma ajuda vitoriosa¹

“– A morte é apenas uma travessia do mundo, como os amigos atravessam os mares. Continuam a viver uns nos outros, pois não podem deixar de estar presentes, para que amem e vivam no que é omnipresente. Neste espelho divino, vêem-se face a face e a sua conversa é livre, para além de pura. É este consolo dos amigos: embora sejam mortais, a sua amizade e companhia estão todavia, no melhor dos sentidos, sempre presentes, porque imortais”.

Os textos em epígrafe, os únicos que figuram ao longo dos sete volumes da obra, relacionam-se misteriosamente com Harry Potter. A citação de William Penn versa o tema da amizade que quebra os limites da morte. Harry conta, ao longo do seu crescimento desde os dez até aos dezassete anos, com a lealdade e a presença constante de Ron e de Hermíone. Neste último livro, Harry atravessa perigos mortais, que consegue enfrentar com a ajuda dos dois amigos. Harry depende deste companheirismo. No seu décimo sétimo aniversário – a partir do qual ele deixava de estar protegido pelo encantamento da mãe, Rufus Scrimgeour revela o testamento de Alvo Dumbledore. Este, director da escola de Hogwarts e seu mentor, reconhece o valor da amizade que une o grupo no legado que deixou aos três amigos: a Ron o seu apagador, a varinha mágica que absorvia toda a luz; a Hermíone o livro de *Contos de Beedle, o Bardo*; a Harry a bola dourada que conquistara na primeira competição que disputara em Hogwarts². Todos os três objectos jogarão um papel importante na evolução das peripécias na obra.

O texto de William Penn remete também para a 1ª *Epístola aos Coríntios*, 13, 12 de S. Paulo “*Hoje vemos como por um espelho, de maneira confusa, mas então veremos face a face*”, onde, de facto, se faz a apologia do bem supremo que é a caridade universal entre os homens.

¹ Na edição portuguesa, o excerto é traduzido directamente do inglês pelas tradutoras. Usamos a edição portuguesa de Ésquilo, *Oresteia*, Manuel de Oliveira Pulquério trad., Ed. 70, Lisboa, 1992, p. 140.

² Ed. port. cap. VII, 110-112.

Quanto ao texto das *Coéforas*, no seu contexto original, ele estava ao serviço da tensão dramática que antecedeu o acto justiceiro do jovem Orestes. Após as provações da orfandade e do exílio, Orestes e Electra tomam a missão de devolver a ordem ao palácio a que pertenciam, mas de que estavam afastados por circunstâncias anómalas.

Neste livro, Harry atravessa uma situação semelhante à de Orestes. Após a morte de Rufus Scrimgeour, o sucessor de Albus Dumbledore, o Ministério da Magia, e mesmo a escola de Hogwarts passam a ser lugares hostis aos três amigos³. Por isso fogem por vários lugares e se ocultam, para escapar à perseguição dos partidários de Voldemort. Assim, Orestes e Harry conhecem o sabor do exílio e da sede da justiça, e a reposição da ordem de que se tornam agentes passa pela vitória e destruição do vilão supremo.

Alguns críticos têm interpretado a personagem de Harry Potter como uma alegoria de Cristo, e da saga como uma representação do cristianismo. Assim, Harry Potter é filho de um mágico de sangue puro, mas a sua mãe é uma muggle (o que, no equivalente cristão, corresponderia a Maria, filha de humanos tocada por uma graça especial). Apresenta um estigma na testa, que lhe dói sempre que o seu inimigo se aproxima. Vive uma existência dupla, em duas dimensões, a humana e a mágica, que só interrompe quando, feitos os dezassete anos, a protecção que lhe advinha de viver entre os humanos cessa (tal como Jesus Cristo, a viver incógnito entre os homens até ao seu baptismo, altura em que assume a sua missão). O penúltimo dos Horcruxes (etimologicamente “as cruzes do horror”?)⁴ a ser destruído é a serpente de Nagini, espécie de animal de estimação de Voldemort⁵.

Enfrenta por várias vezes a morte, mas, neste 7º livro, ao saber que ele tem dentro de si o último dos Horcruxes, pensa imolar-se para vencer o poder de Voldemort. Numa floresta, rodeado dos amigos Hermíone, Ron e Ginny, toma a difícil decisão de se entregar a Voldemort (tal como Cristo, no Horto das Oliveiras). Atravessou três dias de uma morte semelhante a um sono, após a qual acorda para a batalha final, já purificado da parte que Voldemort

³ Op. cit. p. 139.

⁴ Os Horcruxes são os sete objectos que encerram partes da alma de Voldemort, o inimigo de Harry.

⁵ Op. cit. p. 555.

integrara na sua natureza⁶. Com o seu regresso à vida dá-se uma explosão de alegria nos amigos que o acompanhavam.

Voldemort pode também ser considerado uma alegoria do “Príncipe das Trevas” (sic), ou seja, de Satanás como anjo caído em desgraça. A História desta sinistra personagem aparece no penúltimo livro da saga Harry Potter e o Príncipe Misterioso. Nascido como Tom Riddle (Tom “Enigma”), o seu apelido pode encerrar um significado “diabólico” no sentido etimológico do termo do grego *diábolos* “o que divide”. Dotado de capacidades ímpares para a magia, decide usá-las em proveito da sua ambição, até que se torna um “anti-Harry”, invejoso, vingativo e dominador. Tem um séquito de seguidores, uns genuinamente leais, outros por cobardia e fraqueza, mas “aquele cujo nome não pode ser pronunciado”, no final o seu poder é derrotado pelo triunfo do bem.

Junta-se também, a esta interpretação, o misterioso significado de determinados números: são sete os Horcruxes (“cruzes do horror”) que escondem os sete pedaços que decompuseram a alma de Voldemort à medida que ele foi abandonando a sua natureza humana e foi cedendo à maldade. É que sempre que matava uma pessoa, perdia um bocado da alma. Para ganhar a imortalidade, transferiu cada pedaço para um objecto. Para destruir Voldemort, Harry tem de destruir estes sete objectos. Assim, os horcruxes podem simbolizar os sete pecados capitais, que destroem progressivamente a alma e a apetência pelo bem a quem os pratica.

São três os Talismãs contra a morte que Harry precisa de encontrar neste sétimo livro para travar o último combate⁷. Segundo Xenophilius, “o amigo dos estrangeiros”, o feiticeiro que faz a revelação, estes objectos foram representados com um símbolo composto por um triângulo equilátero, um círculo no seu interior, e uma linha vertical a traçar simultaneamente o diâmetro do círculo e a metade do triângulo. Ou seja, no romance, o triângulo é o manto da invisibilidade, o círculo a pedra da ressurreição, a linha vertical a vara de sabugueiro, cuja demanda entusiasma os três amigos. Mas para alguns, no entanto, esta é também uma das representações gráficas possíveis da Trindade: o Filho a linha vertical, o Pai o triângulo que a sustém, o Espírito o círculo que tudo envolve.

⁶ Op. cit, p. 551-597. O capítulo decisivo chama-se justamente The king’s cross “A cruz do Rei”.

⁷ Op. cit. p. 332-362.

A revelação destes três objectos que salvam Harry introduz-se no romance de uma forma original, que é a da recuperação de um género literário do maravilhoso popular: o livro que Hermíone herdou de Dumbledore inclui nele um conto, misto de história de fadas e de lenda popular, em que três irmãos mágicos (que têm os nomes de Antioch, Cadmus e Ignotus), ao atravessarem com sucesso um rio caudaloso em que em geral todos se afogavam, se encontram com a Morte. Esta, sentindo-se defraudada por não poder levar consigo três vítimas, lança-lhes um desafio. Cada um pode pedir um prémio. Os dois mais velhos acabam por ser vítimas do que pediram. O mais novo e mais sensato consegue sabiamente o “manto da invisibilidade” que lhe permite viver uma vida longa, sem a morte o poder descobrir, ignorado portanto por esta temível dama.

No romance, a história, apresentada sob a forma de um conto popular, afinal tinha um fundo verdadeiro, sendo Harry descendente de Ignotus, o irmão sábio que vencera a morte. Na verdade, o “Conto dos três irmãos” reproduz um tema com ampla expressão no folclore dos povos europeus desde a Idade Média, derivado do receio influído pela morte.

Assim, são variadas e complexas as linhas de sentido possibilitadas pela colecção de J. K. Rowling, e de modo nenhum esta pode ser remetida para uma mera nota dos produtos culturais do nosso tempo, e até de um trabalho que visa exclusivamente o público juvenil.

Mas estas interpretações teriam feito parte da intencionalidade da autora, ou seriam elas mesmo fundamentais para a compreensão da obra? Na verdade, tal como se passa em relação à presença de elementos da cultura clássica que fomos identificando, pensamos que a obra de J. K. Rowling é mais um produto da cultura ocidental, na qual o elemento clássico e cristão têm presenças axiais, temperados pelos contributos da cultura popular europeia, do que propriamente alegorias programadas e deliberadas.

A autora convoca com mestria e mesmo com complexidade os símbolos, os temas e as linguagens dominantes, e usa-os para urdir uma trama que prende o leitor. Isto, e uma certa cedência a um “ar do tempo” que tem a ver com o interesse no esoterismo, no misticismo, na magia, na ocultação dos sentidos imediatos como estímulos para a imaginação, estruturaram uma obra que é inteiramente produto da sua época.

Na verdade, é possível ver em Harry tanto uma prefiguração de Cristo, como um símbolo de Orestes; de um Orfeu, que também aceita descer aos infernos; de um Hércules que, filho de um deus e de uma humana, é posto à

prova numa errância que o fez enfrentar doze trabalhos⁸; de um Osíris que é perseguido e morto por Seth, seu arqui-inimigo; de um Telémaco sequioso de instalar a ordem no seu palácio paterno. Todas estas personagens já foram, em dado momento, consideradas referências ou prefigurações umas das outras, quando na verdade desenvolvem um modelo narrativo ancestral: o herói que, enfrentando múltiplos perigos, se fortalece com as provações até à vitória final. Se alguma alegoria subjaz a todas estas prefigurações é justamente a do esforço e da habilidade, como Albus Dumbledore bem deixara vincado no seu testamento, quando, ao legar a bola dourada a Harry, disse: “...*como lembrança das recompensas da perseverança e da destreza*”.

PAULA BARATA DIAS

⁸ Tal como Harry Potter neste sétimo livro é encarregado de eliminar os Horcruxes.